

Vítima ou delinquente? Como o Jornal Nacional representa a juventude em suas tramas noticiosas sobre segurança no Brasil¹

Bárbara Garrido de Paiva Schlaucher²
Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF

RESUMO

Neste artigo, buscamos investigar o modo com que as coletividades juvenis brasileiras são representadas no Jornal Nacional (JN), da Rede Globo, telejornal de maior longevidade e audiência do país. Para isso, foram analisadas dez edições consecutivas do noticiário em questão, veiculadas entre os dias 02 e 12 de agosto de 2010. No âmbito deste trabalho, demos destaque à inserção dos jovens em matérias sobre segurança no Brasil. A fim de estabelecer uma comparação e enriquecer os dados obtidos, outra reportagem sobre a mesma temática, porém veiculada pelo telejornal em abril de 2012, foi submetida à mesma investigação. Como resultado, observamos que, de modo geral, a juventude é representada de maneira estereotipada a partir de conteúdos que a revelam como um problema social.

PALAVRAS-CHAVE: Telejornalismo. Juventude. Representação. Jornal Nacional.

INTRODUÇÃO

No Brasil, a primeira transmissão de imagens via televisão ocorreu no dia 18 de setembro de 1950. A PRF-3 TV Difusora, ou TV Tupi de São Paulo, foi a primeira estação de TV da América do Sul, graças ao pioneirismo de Assis Chateaubriand. Entretanto, a fabricação de televisores no país se deu apenas em 1951. Naquela década, possuir um aparelho de TV era privilégio de poucos (MATTOS, 2010). Com o passar dos anos, porém, o televisor foi se tornando cada vez mais acessível, muito em função do modelo de desenvolvimento econômico adotado a partir de 1964, com o Golpe Militar. O chamado “milagre econômico”, entre 1969 e 1974, beneficiou o crescimento das emissoras brasileiras, fazendo com que a televisão se popularizasse e passasse a fazer parte do dia-a-dia de milhares de famílias.

As características da TV enquanto meio somadas ao poder de sedução de sons e imagens em movimento foram essenciais para sua consolidação no território nacional. Hoje, cerca de 95% dos 57,5 milhões de domicílios têm acesso à televisão no conforto do lar³.

¹Trabalho apresentado no GP Telejornalismo do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²Mestranda do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação Social da UFJF, email: babischlaucher@gmail.com

³Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2008, do IBGE.

Tamanho aceitação contribuiu para o estabelecimento da TV como um dos meios de comunicação de maior alcance no país, cujo potencial para representar os diferentes grupos sociais, ainda que não explorado em sua totalidade, chama a atenção de inúmeros pesquisadores em todo o mundo.

No Brasil, o papel da televisão foi além da transmissão de informação. O meio possibilitou a integração nacional, um dos objetivos políticos e ideológicos do Regime Militar. Concretizada a partir da interligação eletrônica de cidadãos espalhados pelo vasto território brasileiro, a integração, ainda que simbólica – possibilitada pela transmissão de conteúdo em rede a partir de 1967 – fez da TV um importante ator social. Cabe aqui ressaltar a perspectiva de Wolton (1996) sobre o veículo, que desempenharia o papel de laço social⁴, em um país considerado, até então, um “arquipélago cultural”, como colocou José Marques de Melo (2010).

Orientadas para o lucro, a maior parte das emissoras nacionais está sob o controle de poucos grupos familiares. As mais bem sucedidas, em termos de audiência, apresentam caráter comercial e generalista (MATTOS, 2010). Dessa forma, a busca por um público amplo se faz essencial: quanto maior o número de telespectadores, maior a quantidade de anunciantes e, conseqüentemente, maior será a soma arrecadada pela empresa de informação. Sendo assim, o esforço para atingir um grande número de telespectadores “implica a procura de variedade na informação ou no imaginário; a procura de um grande público implica a procura de um denominador comum” (MORIN, 2005, p. 35). Uma das estratégias das emissoras abertas, por exemplo, é dar preferência a temas que se dirijam a todos; temas capazes de conquistar diferentes classes sociais por meio de uma programação diversificada.

Uma parte da ação simbólica da televisão, no plano das informações, por exemplo, consiste em atrair a atenção para fatos que são de natureza a interessar todo mundo, dos quais se pode dizer que são *omnibus* – isto é, para todo mundo. Os fatos-ônibus são fatos que, como se diz, não devem chocar ninguém, que não envolvem disputa, que não dividem, que formam consenso, que interessam a todo mundo, mas de um modo tal que não tocam em nada de importante (BOURDIEU, 1997, p. 23, grifo do autor).

Todavia, a busca pela variedade de conteúdos não é a única ação a garantir a permanência da TV nos lares brasileiros. Sua narrativa acessível e simples também faz a

⁴ É importante ressaltar que a representação da população brasileira na tela da TV ainda exclui muitos segmentos sociais, estejam esses relacionados às classes econômicas, culturais e ideológicas, ao gênero e à orientação sexual. Entretanto, o potencial e o alcance do meio acenam para uma perspectiva inclusiva enquanto promessa.

diferença. A linguagem audiovisual, ao unir imagem e som a um só tempo, atrai diferentes parcelas da população e chega até mesmo ao público analfabeto – excluído de uma cultura letrada e, por conseguinte, dos veículos que utilizam a palavra escrita para transmitir suas mensagens. Desse modo, por meio de uma linguagem coloquial e atraente e de conteúdos diversos direcionados a diferentes tipos de público, a TV garantiria sua preeminência e legitimidade entre os indivíduos. Promoveria, ainda, graças a sua ampla capacidade de representação, o processo de identificação e (auto)reconhecimento de seus telespectadores enquanto brasileiros, conforme aponta Iluska Coutinho (2002).

As constatações acima evidenciam alguns dos fatores que contribuem para a presença cotidiana da televisão na vida da população brasileira. Segundo dados da Secretaria de Comunicação (Secom) da Presidência da República Federativa do Brasil, 96,6% dos brasileiros veem TV⁵. Logo, é por meio da televisão que a maior parte dos cidadãos obtém quantidade expressiva das informações que utiliza para se orientar no convívio em sociedade. No âmbito desse artigo, voltamos nosso olhar para o telejornalismo, gênero informativo consagrado no Brasil e considerado uma das principais produções da grade de programação dos canais abertos do país. Ressaltamos, a seguir, sua importante função social no que diz respeito ao direito de acesso à informação.

A PRÁTICA TELEJORNALÍSTICA NO BRASIL

A partir de um conjunto de regras e procedimentos institucionalizados, os telejornais produzem, de modo característico, uma forma de conhecimento social da realidade (EKSTRÖM, 2002). Ao construir sua visão do mundo, marcada pelas especificidades do meio, sua rotina e inclinações relacionadas à sua política editorial, os noticiários audiovisuais organizam a realidade para o telespectador. Este, por sua vez, utiliza as informações que ali recebe para se localizar na sociedade, tomar decisões, solucionar problemas, julgar situações e comportamentos. Enfim, os telejornais se estabeleceriam como uma espécie de âncora, um dos “guias” ao qual o indivíduo se “apegaria” para experimentar o mundo caótico.

Em conformidade com o pensamento de Vizeu e Correia (2008), consideramos os jornais de TV um lugar de referência para grande parte da sociedade. No Brasil, podemos citar o Jornal Nacional (JN), objeto de nossa análise, como um telejornal de grande

⁵Dados obtidos em pesquisa aplicada entre janeiro e fevereiro de 2010 pela Secom. Ao todo, 12 mil pessoas foram entrevistadas nas cinco regiões do país sobre como consomem a informação.

influência no campo social. Além de sua longevidade e expressividade, a íntima relação estabelecida entre ele e a população foram fundamentais para sua consagração no horário nobre da TV brasileira. Segundo dados da Secom obtidos em pesquisa sobre como os brasileiros consomem informação⁶, o telejornal é o programa mais importante da televisão para 64,6% da população. Ainda de acordo com os dados divulgados, o Jornal Nacional é o noticiário mais assistido do país (56,4%). A confiança na Rede Globo, emissora que produz e transmite o JN há mais de 40 anos, foi apontada por 27,8% dos entrevistados como o principal motivo para se assistir ao programa. Para outros 23,3%, a preferência foi motivada pela identificação com as notícias veiculadas.

Além dos números expostos acima, é válido ressaltar o lugar do público na relação estabelecida com os noticiários de TV. Tal relação é fundamental para o processo de legitimação do conhecimento socialmente produzido e transmitido via telejornalismo. Conforme evidencia Coutinho (2002), os telejornais buscam nos cidadãos que representam princípios que validam as mensagens produzidas e veiculadas nos jornais de televisão. Dessa maneira, podemos compreender os telejornais como uma esfera pública de representação potencial de diferentes identidades, o que possibilitaria o estabelecimento de uma relação de identificação entre programa e público.

Para promover, atualizar e fortalecer suas relações com a audiência, os telejornais de rede, buscam, por meio de uma linguagem universal e sedutora, atingir o “homem médio”, representante de toda uma massa anônima. Segundo Edgar Morin (2005), o “homem médio”, termo que tomamos emprestado acima, nada mais é do que a síntese das múltiplas referências culturais de uma sociedade e a redução das diferenças ao mesmo “denominador comum”. A partir de sua contribuição teórica, podemos dizer que o indivíduo representado nos jornais audiovisuais corresponderia à visão de público construída/imaginada pelos jornalistas a fim de assegurar um elevado número de telespectadores. Sendo assim, aquilo que os telejornais abordam seria selecionado e construído de acordo com o que o profissional do jornalismo acredita ser alvo de interesse do grande público.

Essa perspectiva dialoga com a hipótese da audiência presumida proposta por Vizeu (2005), de acordo com a qual os jornalistas constroem antecipadamente um conceito de audiência a partir da cultura profissional, da organização do trabalho, dos processos produtivos, das regras de redação e campos das linguagens e da língua a fim de produzir o

⁶Ver nota anterior na página 3

discurso jornalístico. Sendo assim, os profissionais presumem quem seria a sua audiência, ao invés de trabalharem com um público conhecido em sua profundidade.

Dessa forma, a imagem que se tem do público e da sociedade é fundamental para a construção da notícia em TV. De acordo com Bourdieu (1997), os jornalistas selecionam na realidade em que estão inseridos aspectos predominantemente particulares, devido a categorias de percepção que lhes são próprias. Tais categorias seriam construídas a partir de sua formação, visão de mundo, disposições e também do *modus operandi* característico do jornalismo. O autor faz uso da metáfora dos óculos para “explicar essa noção de categoria, isto é, essas estruturas invisíveis que organizam o percebido, determinando o que se vê e o que não se vê” (BOURDIEU, 1997, p. 25).

Ciro Marcondes Filho (2002), ao abordar o papel do jornalismo na atualidade, ressalta ainda os paradigmas do telejornal. No âmbito desse artigo, vale destacar a emoção como uma das características predominantes do telejornalismo brasileiro. Para atrair o público, a emoção se faz presente cotidianamente nos jornais audiovisuais. Os acontecimentos, (re)apresentados segundo um modo de ver particular, devem sensibilizar os telespectadores e suscitar envolvimento, ligação e interesse (MARCONDES FILHO, 2002). Fazendo um paralelo com os estudos de Iluska Coutinho (2003), podemos observar a presença de uma dramaturgia do telejornalismo, evidenciada pela pesquisadora em sua tese de doutorado. Ao investigar a organização das notícias em televisão e sua edição nos telejornais brasileiros – entre eles o Jornal Nacional – foi possível constatar nas matérias veiculadas a existência de conflito narrativo, de personagens em ação e o uso de lições morais como uma marca de encerramento das histórias transmitidas via jornalismo televisivo. O tom emocional muitas vezes identificado por Coutinho nas notícias analisadas é um dos responsáveis pela aproximação entre o público e o telejornal.

Sendo assim, podemos dizer que o telespectador se faz presente no processo comunicativo. Porém, essa participação é extremamente limitada. O público é, ainda que em tese, o princípio orientador da prática telejornalística (COUTINHO, 2009), mas cabe ao próprio jornalista apreender seus interesses e selecionar os fatos a partir de uma imagem de audiência construída antecipadamente e de acordo com as especificidades do meio e do gênero, a política editorial e os critérios de noticiabilidade.

De fato, há espaço para variadas vozes nos noticiários de TV, mas não se sabe ao certo como as diferentes parcelas da população são representadas nos telejornais brasileiros.

Voltamos, agora, nosso olhar para os jovens, sujeitos do presente artigo, a fim de identificar como eles são representados no Jornal Nacional, com destaque para as matérias sobre segurança no Brasil.

A JUVENTUDE NO JORNAL NACIONAL

A juventude surge como categoria social relevante na segunda metade do século XX e torna-se “foco de preocupação do Estado e de diversos setores sociais, entre eles a mídia, a partir de temáticas como Educação, Delinquência e Trabalho” (COUTINHO; MATA, 2010, p. 248). Em 2000, segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), o Brasil tinha 47 milhões de jovens entre 15 e 29 anos de idade. Segundo o Ipea, a estimativa era de que esse número poderia chegar a 51 milhões em 2010, o que corresponderia a aproximadamente 26,5% da população brasileira.

Para José Machado Pais (1993), a juventude pode ser vista como uma faixa etária ou pode ser analisada a partir de aspectos socioculturais. Nossa atenção se volta para essa última perspectiva, a partir da qual muitos – inclusive os meios de comunicação – cometem equívocos no que diz respeito à representação desse grupo.

Com efeito, a juventude começa por ser uma categoria socialmente manipulada e manipulável, e como refere Bourdieu, o facto de se falar dos jovens como uma “unidade social”, um grupo dotado de “interesses comuns” e de se referirem esses interesses a uma faixa de idades constitui, já de si, uma evidente manipulação (PAIS, 1993, p. 22).

Tal comportamento pode ser detectado com frequência na mídia. Rotineiramente, os jovens são representados pelos meios de comunicação por meio de imagens estereotipadas que reforçam o imaginário coletivo que se tem acerca da juventude enquanto uma classe homogênea. Assim, os integrantes dessa parcela da população se tornam reféns de uma visão limitada e a heterogeneidade característica desse grupo é ignorada. As várias juventudes existentes são reduzidas a uma, em função de um olhar que aglutina as diferenças. As variadas posições e manifestações sociais, econômicas, políticas e culturais presentes nessa categoria cheia de contradições e conflitos identitários são deixadas de lado ou passam despercebidas.

Temos como hipótese, a ser verificada por meio da análise que se segue, de que os noticiários de TV veiculam conteúdos que não contemplam a complexidade característica da juventude. Diferentes facetas seriam aplicadas de modo indiscriminado a toda coletividade juvenil, culminando na construção de representações estereotipadas

transmitidas diariamente para todo o país. Estudantes, “baladeiros”, inconsequentes, consumidores e delinquentes seriam alguns dos papéis atribuídos aos adolescentes. Sendo assim, nesse trabalho, propomos a investigação, por meio de uma análise empírica, de como o Jornal Nacional, noticiário de TV mais assistido no Brasil, incorpora a juventude em suas tramas noticiosas.

Analisamos um total de dez edições consecutivas do JN, tendo como perspectiva compreender a representação das coletividades juvenis no cotidiano do telejornal. Cada uma das edições foi submetida ao método de Análise de Conteúdo Telejornalístico. Enfatizamos, ainda, a análise textual do material informativo⁷ que contou com a inserção de jovens. As narrativas proferidas em voz direta pela parcela da população alvo de nossa investigação e as falas dos demais entrevistados presentes nas tramas noticiosas relacionadas à juventude constituíram-se como as principais variáveis de nossa análise. Para estruturar o processo de investigação, o conteúdo informativo transmitido pelo JN foi classificado como correspondente a determinadas temáticas/editoriais⁸ e formatos audiovisuais, de acordo com o assunto abordado e com a forma de tratamento das mensagens, respectivamente.

Ao longo das dez edições analisadas, foram exibidas 111 reportagens, 52 notas cobertas, 40 notas secas, sete VTs que promoviam conteúdos da própria emissora, quatro flashes, quatro entrevistas com candidatos à presidência da República e 10 notas de previsão do tempo. Ao todo, os jovens foram representados pelo Jornal Nacional – seja através do texto de repórteres e apresentadores, de imagens e/ou de entrevistas – em 19 reportagens, três notas cobertas, três VTs promocionais e um flash. Dessa forma, os sujeitos de nossa pesquisa estiveram presentes em apenas 11,40% de todo o conteúdo veiculado no período investigado, considerando-se o número de matérias/informações transmitidas. De maneira geral houve uma centralização dos assuntos relacionados à juventude nas editoriais de Educação, Eleições 2010, Segurança e Conteúdo promocional⁹.

⁷ Vale salientar que o texto telejornalístico é composto por elementos como texto, som e imagem e ainda por formatos, ritmo e edição, aspectos observados na análise.

⁸ Apesar de não haver classificação de conteúdos em editoriais no âmbito do telejornalismo, tomamos emprestado o termo comumente utilizado no jornalismo impresso, a fim de facilitar a divisão e organização das temáticas que se fizeram presentes no JN ao longo do período de análise.

⁹ Os jovens foram representados em 100% do conteúdo veiculado na editoria de Educação; em 41,6% da editoria Promocional; em 21,05% do conteúdo de Segurança; em 16,66% da editoria de Saúde; em 15,38% da editoria Eleições 2010; em 12,5% do conteúdo de Cultura; em 9,09% da editoria de Cotidiano e em 3,4% da editoria de Esportes. A juventude não esteve presente nas narrativas audiovisuais classificadas como pertencentes às editoriais de Economia; Ciência e Tecnologia; Serviço; Política; Judiciário; Internacional e Especial. Vale observar que, considerando o universo total de reportagens e notas secas e cobertas veiculadas nas editoriais de Saúde (6) e Eleições 2010 (35), a presença dos

Quanto ao tempo de análise, as dez edições do Jornal Nacional veiculadas entre os dias 02 e 12 de agosto somaram aproximadamente 304 minutos. Deste total, os jovens ocuparam cerca de 35 minutos do tempo analisado, o equivalente a 11,18% do recorte empírico.

Neste texto, conforme explicitado anteriormente, voltamos nosso olhar para o conteúdo informativo classificado como pertencente à editoria de Segurança, a fim de ilustrar, ainda que em parte, os resultados obtidos a partir da análise de conteúdo das dez edições do JN aqui investigadas. A seguir, com base no referencial teórico e nos dados observados nas matérias referentes à temática em questão, poderemos compreender de modo mais aprofundado e preciso como se dá a representação da juventude no Jornal Nacional, no que diz respeito ao recorte empírico estabelecido para essa investigação.

JOVENS E SEGURANÇA NO JN

Vítima ou delinquente? Na editoria de Segurança, os jovens inseridos na narrativa audiovisual do Jornal Nacional se alternam entre os dois papéis. Aqui, a negatividade enquanto critério de noticiabilidade salta aos olhos e o jovem atua, de modo geral, como personagem, principal ou secundário, das reportagens e notas que contam com a presença dessa parcela da população.

A editoria de Segurança ocupou, no que diz respeito ao conteúdo informativo veiculado pelo Jornal Nacional entre os dias 02 e 12 de agosto, 8,33% do espaço do telejornal. Ao todo, foram transmitidas 11 reportagens, três notas secas e cinco notas cobertas. Quanto ao tempo, o conteúdo em questão ocupou aproximadamente 24 minutos do material analisado. Duas reportagens e duas notas cobertas veiculadas nessa editoria contaram com a representação de jovens. Elas correspondem a 21,05% do universo total de conteúdo informativo sobre segurança transmitido pelo JN e ocupam cinco (5) minutos do recorte empírico analisado.

Uma reportagem e uma nota apontam o mesmo adolescente no papel de delinquente: a matéria¹⁰ e a nota coberta¹¹ sobre o processo que averigua o sequestro e a morte da ex-amante do goleiro Bruno apontam um garoto como um dos autores do crime e peça-chave

jovens se torna mais significativa na temática relacionada à cobertura eleitoral. Só nessa editoria foram transmitidas seis reportagens com temas relacionados a essa parcela da população. Enquanto na editoria de saúde, apenas uma reportagem foi veiculada, sendo que a mesma não abordava a juventude de forma direta.

¹⁰ Matéria veiculada pelo Jornal Nacional no dia 05/08/10.

¹¹ Nota coberta veiculada pelo Jornal Nacional no dia 09/08/10.

para as investigações. A juventude também aparece ocupando o papel de delinquente na nota coberta¹² que fala sobre a morte por atropelamento de Rafael Mascarenhas, filho da atriz Ciça Guimarães. Rafael Bussamra, de 25 anos, é apontado como o responsável pelo ocorrido.

O papel de vítima, por sua vez, é representado nessa mesma nota pelo jovem Rafael Mascarenhas, morto no dia 20 de julho. Já na outra reportagem, a vítima é um estudante universitário preso por roubo, apesar das provas que atestam sua inocência¹³.

É importante destacar as características dos jovens personagens que entram em cena no palco do Jornal Nacional. Nas matérias apresentadas acima, a delinquência envolve atos de irresponsabilidade e inconseqüência, como os praticados por Rafael Bussamra, que ao atropelar Rafael Mascarenhas, dirigia um carro na velocidade de 100km/h em um túnel interditado para manutenção. O jovem atropelador, que supostamente apostava um racha¹⁴, abandonou o local e não prestou socorro à vítima.

Muitas vezes, atitudes inconseqüentes e irresponsáveis são colocadas pela mídia como sendo típicas da juventude. Essa forma de ver os jovens, diversas vezes (re)transmitida pelos meios de comunicação de massa, como a televisão, se estende para o entendimento do público/telespectador e passa a ser repetida em coro, se tornando cada vez mais enraizada no imaginário coletivo da população.

[...] a televisão representa a juventude de forma genérica e descontextualizada, sendo uma das principais agentes da percepção presente na opinião pública do jovem como seres inevitavelmente programados para comportamentos desviantes que ameaçam a integridade social (CANDAUI, 1999 apud MATTOS, 2010).

Informações televisivas como essa, juntamente com o espaço limitado para matérias positivas sobre a juventude, só contribuem para a perpetuação de uma visão homogênea e estereotipada dessa parcela da população – que transita na mídia entre dois caminhos possíveis: ser a esperança para o futuro do país por meio da educação e da cultura e/ou ser engolida pela violência.

Nessa editoria, uma matéria em particular nos chamou a atenção: a reportagem de dois minutos e 12 segundos fala sobre a prisão de Wilson Oliveira, um estudante universitário que trabalha como motorista de ônibus. Segundo a matéria, o jovem acusado

¹² Nota coberta veiculada pelo Jornal Nacional no dia 09/08/10.

¹³ Matéria veiculada pelo Jornal Nacional no dia 09/08/10.

¹⁴ Corrida ilícita praticada em áreas urbanas ou rodovias com automóveis ou motocicletas.

de roubar uma moto estava preso havia 65 dias, apesar das provas que evidenciavam sua inocência.

Wilson é a grande vítima do ocorrido. Além de conquistar o poder de fala por nove segundos, o jovem foi representado por meio de texto e imagem. Nessa matéria, ele assume o papel de um “rapaz” injustiçado e indefeso, que com as mãos atadas, fica a mercê da Justiça: “prova é o que não falta pra provar a minha inocência”, afirma Wilson. E completa: “eu até então falava: ‘vão lá na garagem que vocês vão ver que eu que tava trabalhando’. Eu tava com a camiseta da empresa. Mas não quiseram nem saber” (SIC).

E de fato, existem provas suficientes para atestar a inocência do jovem. O advogado de defesa de Wilson tem acesso aos documentos de controle da garagem onde o estudante trabalha. Os papéis assinalam os horários de entrada e saída de Wilson, que teria parado de trabalhar quatro minutos depois do roubo, de acordo com a hora registrada no boletim de ocorrência. Além disso, as imagens gravadas pelas câmeras de segurança da empresa, que mostram o exato momento em que o jovem deixou o serviço, confirmam os dados apontados nos documentos.

É importante destacar também o papel desempenhado pelo advogado do estudante. Aqui, o especialista é o defensor do jovem diante de seus direitos enquanto cidadão, aquele que media o diálogo entre Wilson e a Justiça. O advogado é uma das únicas esperanças do jovem, cujos depoimentos eles (os policiais) “não quiseram nem saber”. A autoridade conferida ao especialista é evidenciada em sua sonora: “não há nenhum elemento, nenhuma frase que demonstre que o juiz tenha lido as provas, que tenha verificado a fita de vídeo que demonstra que Wilson estava em outro local no momento em que aconteceu a tentativa de roubo”. O defensor ganhou poder de fala por 16 segundos. Ele se expressa com propriedade, o que ratifica sua posição de especialista.

Ainda de acordo com a reportagem, o estudante passou pelos assaltantes quando eles abandonavam a moto roubada, que havia parado de funcionar. “Alguns quilômetros adiante, um carro da Polícia Militar veio de frente e o PM atirou para que ele parasse. Wilson caiu da moto, foi levado para a delegacia, mas negou a participação no crime”¹⁵. Mesmo assim, relata a reportagem do JN, foi preso, pois além de usar um capacete igual ao de um dos ladrões, o jovem foi apontado pelo dono do veículo como um dos envolvidos no roubo. Na ocasião, dois pedidos de liberdade provisória haviam sido negados pela Justiça.

¹⁵ Trecho da passagem feita pelo repórter da Rede Globo, César Galvão.

A fala do repórter expõe a forma com que Wilson foi abordado pelos policiais e a negligência dos mesmos em não apurar devidamente os fatos. Por meio da descrição do ocorrido, revela-se a humilhação a qual o trabalhador e estudante universitário foi submetido. Tal relato aumenta a sensação de injustiça transmitida pela matéria. O apelo emocional ao telespectador continua por meio da entrevista do pai de Wilson, que inconformado com a situação, fala por nove segundos com as carteiras de trabalho do filho nas mãos: “o meu filho nunca precisou disso aí. Sempre ele trabalha. Toda vida ele trabalhou, desde a idade de 13 anos que ele trabalha” (SIC). E fecha a matéria de modo otimista: “com as provas que tem, a gente vai provar a inocência dele” (SIC).

Essa matéria evidencia a existência de uma dramaturgia do telejornalismo brasileiro, conforme demonstra Coutinho (2003). O noticiário de televisão é estruturado como um drama cotidiano e, por meio de conflitos narrativos presentes nas reportagens veiculadas, o telespectador se comove com o fato noticiado e se identifica com os personagens envolvidos. Wilson, um estudante honesto e trabalhador, é o mocinho da história. Preso injustamente, ele entrega seu destino nas mãos de seu defensor legal, que luta contra um vilão irredutível, o poder constituído para em tese garantir a segurança de todos os cidadãos. Já o pai do jovem, indignado com a situação, protege sua cria e espera que a justiça seja feita. A matéria termina sem uma solução, mas é capaz de emocionar a audiência, que, ao se imaginar em situação semelhante, compartilha as mesmas sensações dos personagens.

A título de comparação, no que diz respeito à narrativa jornalística dos fatos, selecionamos, via site do Jornal Nacional na Internet, uma matéria de mesma temática que contasse com a participação de pelo menos um integrante da parcela da população aqui estudada. A partir da palavra-chave “jovem”, foram encontradas oito páginas de resultados. A escolha da reportagem que seria submetida a uma nova análise de conteúdo atendeu aos seguintes critérios: o assunto deveria estar relacionado à segurança no Brasil; contar com pelo menos uma sonora do sujeito em questão; e ter o mesmo tempo aproximado da matéria analisada em profundidade acima. Sendo assim, o primeiro conteúdo da página de resultados que se encaixasse nas categorias apontadas seria perscrutado. Na segunda página de resultados, nos deparamos com uma reportagem de dois minutos e 20 segundos,

veiculada no dia 04 de abril de 2012¹⁶, sobre um jovem estudante de Mato Grosso do Sul que acabara de cumprir a primeira etapa de uma pena alternativa devido a uma infração gravíssima de trânsito. Após conferir as demais matérias listadas pela ferramenta de busca do site, verificamos ser esta a que cumpria as exigências destacadas anteriormente.

Segundo a reportagem, há dois anos, Willian Ferreira e um amigo disputavam um racha quando o veículo do colega atingiu o carro de uma jovem, morta no acidente. O amigo do personagem foi condenado a 18 anos e nove meses de prisão. Já Willian, apesar de ter sido absolvido do homicídio, foi sentenciado pelo juiz a cumprir uma pena sócio-educativa. No momento da passagem, a repórter Cláudia Gaigher esclarece: “Durante dois anos, uma vez por mês, Willian vai participar das operações de resgate do Corpo de Bombeiros, aqui em Campo Grande. Ele vai acompanhar a madrugada dessa equipe que sempre socorre as pessoas vítimas de acidente”.

A matéria começa ao som de uma ambulância: é o veículo de resgate que pega Willian e segue para atender aos chamados da população. Uma adolescente chora e sua mãe a acalma. Willian assiste enquanto auxilia a equipe, iluminando o local. Aqui, o personagem da narrativa é um jovem em processo de recuperação. Em meio às operações, entre elas casos relacionados a pessoas de sua faixa etária, que oscilam entre os papéis de vítima e irresponsáveis/inconsequentes, o estudante absorve as lições de trânsito e de vida ensinadas pelos bombeiros. Durante seis segundos, o profissional aparece diante do jovem, dizendo: “Você viu uma mãe chorando e graças a Deus o filho sobreviveu. Então, é isso que a gente quer que você observe, quer que você sinta”. A ênfase do bombeiro ao pronunciar a palavra “sinta” somada ao ato de levar a mão ao peito nesse mesmo instante, contribui para o tom dramático da narrativa. Willian apenas escuta atentamente.

A situação do trânsito em Campo Grande é alarmante: segundo a reportagem, foram 106 acidentes com vítimas no final de semana, em sua maioria jovens entre 17 e 25 anos. Um cidadão avalia: “É pior do que uma guerra”. Em sequência, após acompanhar o resgate de um ciclista atropelado por um motoqueiro embriagado que não prestou socorro à vítima, Willian é conscientizado novamente pelo bombeiro, em uma sonora de oito segundos: “Por causa da velocidade é que as pessoas morrem. Por quê? Diz respeito ao trânsito, diz respeito à vida, às regras de circulação”. Em seguida, uma jovem de 17 anos chega de ambulância

¹⁶Matéria disponível no site <http://g1.globo.com/jornal-nacional/videos/t/edicoes/v/jovem-cumpre-primeira-etapa-de-pena-alternativa-para-infracao-gravissima-no-transito/1886033/>. Acesso em 21/06/2012

ao pronto-socorro da Santa Casa de Campo Grande. Sem carteira de habilitação, certifica-se a repórter, a garota tentava aprender a andar de moto, quando derrapou e caiu, conforme relatou o paramédico em sete segundos. Vale ressaltar que a sequência narrativa e a edição dos fatos e das sonoras dão respaldo à fala do bombeiro e confirmam o texto da repórter.

Já no final da matéria, Willian entra no setor de emergência da Santa Casa. Lá, faltam vagas. Das 2500 cirurgias realizadas mensalmente, 80% são traumas, explicou o diretor do hospital, em sonora de 11 segundos. Finalmente, o jovem personagem da matéria ganha direito à fala. A repórter introduz seu depoimento: “depois da primeira noite acompanhando os bombeiros, Willian demonstra que já entende o quanto é importante respeitar as leis de trânsito”. O estudante confirma o texto da jornalista ao longo de 13 segundos: “Só quem entra lá, quem ta lá dentro, quem sente o calor daquela emoção ali, pode dizer o quê que é um acidentado de trânsito. O quê que é a realidade do trânsito em Campo Grande” (SIC).

Aqui também fica clara a presença de uma dramaturgia do telejornalismo (COUTINHO, 2003), porém, dessa vez, o desenrolar dos fatos termina com uma lição de moral. A matéria é de cunho positivo, apesar de ainda apontar comportamentos desviantes como típicos da juventude, de modo indiscriminado. Na reportagem, o jovem, que cumpre uma pena sócio-educativa, foi, figurativamente, resgatado pelo Corpo de Bombeiros de Campo Grande. De infrator a cidadão consciente, o telespectador acompanha o passo a passo da recuperação de Willian e experimenta a noite nas ruas de Campo Grande. Junto com o jovem, presenciam o sofrimento de uma adolescente e sua mãe, escutam as orientações em tom emocional dos bombeiros e também absorvem a máxima: “velocidade e bebida não combinam com trânsito”. A matéria sensibiliza a audiência, que se alegra com a evolução de Willian. Ele, porém, não tem autonomia para “guiar” a reportagem. Quem assume a frente de seu processo de conscientização e da matéria é o bombeiro. Não é Willian quem relata, a partir do que vivencia, os ganhos pessoais obtidos com o cumprimento da pena. A seguir, algumas considerações finais a respeito da representação dos jovens nas matérias de segurança do Jornal Nacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi exposto, é possível perceber a dicotomia na qual o jovem está inserido na narrativa audiovisual – no que diz respeito ao conteúdo informativo analisado.

Ora vilão(ã), ora mocinho(a), os jovens se reduzem a atores e/ou vítimas da violência nacional. Independente da classe social, considerando o período de análise definido para essa pesquisa, à juventude são atribuídos atos de inconsequência e impostas as fatalidades da vida urbana. Evidenciamos, assim, a possibilidade de apreensão das coletividades juvenis enquanto um problema social, conforme sustenta José Machado Pais (1993).

Pais revela a juventude enquanto um grupo heterogêneo e complexo, na maioria das vezes marcado pela instabilidade, o que contribuiria para que a percepção dessa categoria estivesse relacionada às tensões a ela associadas e por ela suscitadas na vida em comunidade. No JN, não é diferente: as tensões relativas à juventude são as principais geradoras de pautas jornalísticas, como constatado no relato acima e em outras “editorias”, conforme observamos durante a análise de conteúdo das dez edições investigadas. Podemos citar como exemplo os problemas no campo educacional, o consumo de drogas em pauta no discurso de candidatos à presidência, assim como a falta de oportunidades para alguns jovens (SCHLAUCHER, 2010). Entretanto, os conteúdos que abordaram temas relacionados à juventude, até mesmo as reportagens que contaram com a inserção de depoimentos de jovens, não deram conta de expressar toda a complexidade característica dessa categoria. Os contextos nos quais os jovens estão inseridos e o modo como são retratados pelo telejornal contribuem para a manutenção de uma visão estereotipada e às vezes pré-conceituosa dessa categoria social.

Não queremos, de modo algum, apontar falhas na narrativa do JN. Buscamos aqui ressaltar as características da representação do jovem como um reflexo da sociedade em que estamos inseridos. Destacamos que tal processo de representação se dá se uma via de mão dupla: os jornais audiovisuais se apropriam dos elementos, valores e informações da sociedade, os processam e os devolvem em formato audiovisual. A sociedade, por sua vez, lança mão das mensagens veiculadas, que se internalizam e ganham raízes em seus mapas mentais. Desse modo, somente a partir de um olhar atento por parte da academia, do mercado e dos telespectadores, será possível minimizar a tendência ao tratamento da juventude de forma estereotipada. Precisamos de espaço para outras manifestações da juventude, que retratem as inúmeras iniciativas políticas, cidadãs e de mercado protagonizadas por esses sujeitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

COUTINHO, Iluska Maria da Silva. **Democracia eletrônica e televisão no Brasil:** os telejornais como espaço de disputa por hegemonia política e cultural. In: XI CONGRESSO DA COMPÓS, 2002, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: UFRJ, 2002. 1 CD-ROM.

_____. **Dramaturgia do Telejornalismo Brasileiro:** a estrutura narrativa das notícias de televisão. 2003. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2003.

_____. **Telejornalismo como serviço público no Brasil:** reflexões sobre o exercício do direito à comunicação no Jornal Nacional/TV Globo. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (Orgs.). 40 anos de Telejornalismo em Rede Nacional: olhares críticos. Florianópolis: Insular, 2009. p. 65-79.

_____; MATA, Jhonatan. **Telejornalismo, Juventude e Representação:** quais formatos e narrativas dialogam com os novos telespectadores? In: BARBOSA, Marialva; MORAIS, Osvando (Orgs.). Comunicação, cultura e juventude. São Paulo: Intercom, 2010. p. 247- 246.

EKSTRÖM, Mats. **Epistemologies of TV journalism:** a theoretical framework. London, Thousands Oaks, CA and New Delhi: Sage Publications, 2002.

MATTOS, Sérgio. A evolução histórica da televisão brasileira. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (Orgs.). **60 anos de Telejornalismo no Brasil:** história, análise e crítica. Florianópolis: Insular, 2010. p. 23-55.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e Jornalismo:** a saga dos cães perdidos. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

MELO, José Marques de. **Televisão brasileira:** 60 anos de ousadia, astúcia, reinvenção. São Paulo: Intercom, 2010.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX:** neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis.** Lisboa: Imprensa Nacional Casa de Moeda, 1993.

SCHLAUCHER, Bárbara Garrido de Paiva. **Telejornalismo e Juventude:** Um estudo sobre a representação dos jovens no Jornal Nacional. Trabalho de conclusão de Curso – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010.

VIZEU, Alfredo. **O lado oculto do telejornalismo.** Florianópolis: Calandra, 2005.

_____; CORREIA, João Carlos. A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. In: VIZEU, Alfredo (Org.). **A Sociedade do Telejornalismo.** Petrópolis: Vozes, 2008. p. 11-28.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público:** uma teoria crítica da televisão. São Paulo: Ed. Ática, 1996.